

As Filosofias da Existência nos reclamam atenção para o aqui e o agora, mas o existentialismo espírita, valorizando essas categorias no momento que passa, não se esquece de que já dispusemos do ontem e disporemos do amanhã. No tempo anterior, no ontem, condicionamos o aqui e o agora à execução de determinadas tarefas e Deus nos concede hoje o tempo para isso. Se aproveitarmos bem o tempo concedido, ele não nos parecerá insuficiente. Se o esbanjarmos condicionaremos o amanhã a novas angústias de tempo.

E' assim que podemos entender os versos finais de Luciano dos Reis: **Deus dá tempo igual a todos / não menos-preza ninguém.** Reclamamos do tempo o que devíamos reclamar de nós mesmos, pois o que nos falta neste momento corresponde exatamente ao que esperdiçamos ainda há pouco. Se aproveitarmos com inteligência e cuidado cada minuto que passa, veremos que Deus nos concedeu tempo para tudo o que temos realmente de fazer nesta vida.

## 3 FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

# Trovas em Resposta

Temos uma página recebida em nossa reunião pública, assinada por nosso amigo Cornélio Pires, hoje obreiro da luz e da bondade no Mundo Espiritual.

Há dias recebi carta de um companheiro que foi amigo pessoal dele na Terra, solicitando a sua opinião a respeito do suicídio. Durante a reunião lembrávamos do assunto, com vistas às nossas tarefas da noite.

Feita a prece inicial, **O Livro dos Espíritos** nos ofereceu para estudo a questão 943. Ao término da reunião o nosso amigo espiritual mencionado escreveu as trovas a que intitulou **Suicídio**.

**Nota** — a questão 943 de **O Livro dos Espíritos** é a seguinte:

**Pergunta** — De onde vem o desgosto pela vida que, sem motivos plausíveis, se apodera de alguns indivíduos?

**Resposta** — Efeito da ociosidade, da falta de fé e geralmente do fastio. Para aqueles que exercem as suas faculdades com um fim útil e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida passa mais rapidamente. Suportam as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e durável que os espera.

# Suicídio

---

Suicídio, não pense nisso  
Nem mesmo por brincadeira...  
Um ato desses resulta  
Na dor de uma vida inteira.

Por paixão, Quim afogou-se  
Num poço de Guararema.  
Renasceu em provação  
Atolado no enfisema.

Matou-se com tiro certo  
A menina Dilermando.  
Voltou em corpo doente,  
Não fala, não vê nem anda.

Pôs fogo nas próprias vestes  
Dona Cesária da Estiva...  
Está de novo na Terra  
Num corpo que é chaga viva.

Suicidou-se à formicida  
Maricota da Trindade...  
Voltou... Mas morreu de câncer  
Aos quatro meses de idade.

Enforcou-se o Columbano  
Para mostrar rebeldia...  
De volta, trouxe a doença  
Chamada paraplegia.

Queimou-se com gasolina  
Dona Lília Dagele.  
Noutro corpo sofre sarna  
Lembrando fogo na pele.

Tolera com paciência  
Qualquer problema ou pesar;  
Não adianta morrer,  
Adianta é se melhorar.

# O Autocastigo

Deus não castiga o suicida, pois é o próprio suicida quem se castiga. A noção do castigo divino é profundamente modificada pelo ensino espírita. Considerando-se que o Universo é uma estrutura de leis, uma dinâmica de ações e reações em cadeia, não podemos pensar em punições de tipo mitológico após a morte. Mergulhado nessa rede de causas e efeitos, mas dotado do livre arbítrio que a razão lhe confere, o homem é semelhante ao nadador que enfrenta o fatalismo das correntes de água, dispondo de meios para dominá-las.

Ninguém é levado na corrente da vida pela força exclusiva das circunstâncias. A consciência humana é soberana e dispõe da razão e da vontade para controlar-se e dirigir-se. Além disso, o homem está sempre amparado pelas forças espirituais que governam o fluxo das coisas. Daí a recomendação de Jesus: "Orai e vigiai". A oração é o pensamento elevado aos planos superiores — a ligação do escandista da carne com os seus companheiros da superfície — e a vigilância é o controle das circunstâncias que ele deve exercer no mergulho material da existência.

O suicida é o nadador apavorado que se atira contra o rochedo ou se abandona à voragem das águas, renunciando ao seu dever de vencê-las pela força dos seus braços e o poder da sua coragem, sob a proteção espiritual de que todos dispomos. A vida material é um exercício para o desenvolvimento dos poderes do espírito. Quem abandona o exercício por vontade própria está renunciando ao seu desenvolvimento e sofre as consequências naturais dessa opção negativa. Nova oportunidade lhe será concedida, mas já então ao peso do fracasso anterior.

Cornélio Pires, o poeta caipira de Tietê, responde à pergunta do amigo através de exemplos concretos que falam mais do que os argumentos. Cada uma de nossas ações provoca uma reação da vida. A arte de viver consiste no controle das nossas ações (mentais, emocionais ou físicas) de maneira que nós mesmos nos castigamos ou nos premiamos. Mas mesmo no autocastigo não somos abandonados por Deus que vela por nós em nossa consciência.